

BOITATÁ EM FRANKLIN CASCAES: ALEGORIA DE UM SENTIMENTO

Clarisse Ranghetti do Pilar¹

Resumo: O legado de Franklin Cascaes é composto por vasta produção de desenhos, esculturas e manuscritos, assim como abordagens diversas. No entanto, seu nome é frequentemente associado a uma produção de caráter mítico, fantástico, folclórico ou lúdico. Este artigo tem como proposta, ampliar o olhar e a reflexão sobre seu trabalho para além destas associações, tendo como recorte a análise da temática do boitatá e sua relação com o processo de modernização da cidade de Florianópolis iniciado a partir da década de 1950.

Palavras-chave: Cascaes, boitatá, modernidade.

Professor, pesquisador, folclorista. Escultor, ceramista, gravurista, escritor. Artista e contador de histórias... este foi Franklin Joaquim Cascaes. Sua principal fonte de inspiração foi a tradição oral das comunidades pesqueiras da Ilha de Santa Catarina, criando assim, ao seu modo, um registro inigualável da história dos imigrantes açorianos e do povo desta terra.

Franklin Cascaes desde cedo demonstrou interesse pelas histórias e acontecimentos referentes ao processo de ocupação e colonização do litoral catarinense, mais especificamente da Ilha de Santa Catarina e ao modo de vida local. Manifestou seu talento ainda na adolescência, fazendo esculturas na praia de Itaguaçu, mas acima de tudo o colocou a serviço da luta pela manutenção e preservação da cultura ilhoa. Através de sua arte, denunciou a invasão do capitalismo na ilha e expressou sua tristeza com a consequente destruição das belezas naturais, com o desaparecimento das tradições, bem como com a alteração dos valores sociais. Cascaes temia o desaparecimento do modo de vida cotidiano e do conhecimento popular dos habitantes da ilha, que corriam o risco de não serem lembradas pelas gerações futuras.

Profundamente ligado ao elemento cidade, Cascaes faz dela a protagonista de sua obra. Cidade e modernidade são temas constantes e inseparáveis em sua obra. Conforme Aline Kruger e Sandra Makowiecky em *Modernidade e alegoria em Franklin Joaquim Cascaes*, pode-se identificar aí, uma analogia à questão da modernidade apreendida por Baudelaire através da alegoria de Walter Benjamin. Tanto para Benjamin, como para Cascaes, a modernidade torna-se cenário de certo saudosismo pelo passado em contraste simultâneo com a constante busca pelo novo, o que resultará no confronto com a natureza

¹ Graduanda do Curso de Graduação em Museologia – UFSC. E-mail: clarisse.pilar@gmail.com

fugidia e efêmera da modernidade e na necessidade de fazer de sua criação algo que não sucumbirá à transitoriedade.

É seguro afirmar nos dias de hoje, a obrigatória presença da obra de Franklin Cascaes em toda e qualquer reflexão sobre a cultura litorânea catarinense. Por meio de sua arte, é possível conhecer o passado, compreender o presente e refletir sobre as mudanças que a modernidade nos apresenta e impõe, de modo que a verdadeira essência cultural e identitária não se percam.

Este trabalho tem como propósito, suscitar a reflexão e a discussão sobre as relações passado-presente-futuro, memória-cultura-história, através do estudo da figura do boitatá na obra de Franklin Cascaes. Discorro sobre o boitatá como mito, sua origem e características, bem como alegoria utilizada pelo artista na crítica ao fenômeno da modernidade se desenhando em Florianópolis. O boitatá, conforme a lenda popular, aparece como figura solitária, em lugares onde a natureza encontra-se na sua forma original e como guardião dela, também em Cascaes representa a ilha de Santa Catarina em seu estado tradicional.

Por fim, justifico a escolha deste tema pelo modo como as questões relativas à “modernidade”, ainda que em pleno século XXI, me inquietam e me preocupam, aliado ao sentimento de profunda admiração e respeito por este artista, cidadão e ser humano que foi Franklin Joaquim Cascaes, um homem visionário e acima de tudo inabalavelmente fiel aos seus valores e a sua cultura.

O artista

Franklin Cascaes nasceu em 16 de outubro de 1908, no município de São José da Terra Firme (hoje bairro Itaguaçu, Florianópolis), numa fazenda bem próxima ao mar, vindo a falecer em março de 1983.

Cascaes era o filho mais velho, dentre doze irmãos, de Joaquim Serafim Cascaes e Maria Catarina Cascaes, um típico casal de descendentes de açorianos. Toda a produção era realizada na propriedade em que vivia: o trabalho no engenho de açúcar, de farinha de mandioca, além da charqueada, por isso, foi educado para exercer toda e qualquer atividade necessária ao desempenho da subsistência, entre elas, a confecção de balaies, cordas de cipó, cercas de bambu e tarrafas. Além disso, conviveu com diversas pessoas que trabalhavam temporariamente para seu pai, gostava de ouvir seus “causos”, quase sempre sobre embruxamento de crianças, seres fantásticos, como curupiras e boitatás, assim como as

histórias do cotidiano, tornando-se desde criança, amante da cultura popular. Mais tarde, percebendo que as relações culturais herdadas estavam desaparecendo mediante as transformações urbanas modernas, Cascaes começa, em 1931, a registrar através de sua arte as manifestações e práticas locais. Em 1933, inicia seus estudos no Curso Noturno da Escola de Aprendizes e Artífices de Santa Catarina, onde concebeu seus primeiros ensaios. No ano de 1941 foi admitido como professor da Escola Industrial de Florianópolis. Em 1946, dois anos antes do "Primeiro Congresso Catarinense de História", Franklin Cascaes iniciou oficialmente suas pesquisas. Conforme registros em seus cadernos, Cascaes, buscando ligar passado e presente, antigo e moderno, pontua o início de suas atividades como pesquisador da cultura popular. Por meio de uma carta destinada a Osvaldo Melo Filho, Diretor do Departamento Cultural da Prefeitura de Florianópolis, com data de 21 de junho de 1961, diz:

como é do conhecimento de V. Excia, senhor Professor, eu venho há muitos anos me dedicando aos estudos que trazem ao coração do Povo as coisas do nosso passado, desde o ano de 1946. Percorri a Ilha de Santa Catarina, e deixei que o meu pensamento se entrelaçasse, mutuamente, com o do Povo humilde e bom, e então adquiri o que possuo escrito, desenhado, esculpido e em trabalhos manuais, para legar à posteridade (CASCAES, Caderno 17).

Nesta época, Franklin Cascaes trabalhava como professor de desenho na Escola Técnica Federal de Santa Catarina e já havia se casado com a também professora, Elizabeth Pavan Cascaes, cuja companhia e ajuda eram constantes.

Os trabalhos de Cascaes foram sempre realizados com recursos próprios, sem nunca ter recebido qualquer tipo de ajuda ou apoio por parte do poder público em nenhuma de suas instâncias, apenas movido por seu amor e respeito à cultura local, à "sua" cultura.

Fiz o trabalho sempre às minhas expensas, nunca ninguém me auxiliou. Mesmo que eu pedisse, ninguém me auxiliaria. Pedir a quem? Ao governo? Não, porque eles não se moviam por isso aí. Nunca compreenderam. E hoje, apenas da parte da Universidade; mas da parte do governo, não. [...] Mas, eu sempre estive quieto, como até há bem pouco tempo, até que o Sílvio me levou daqui. O Sílvio Coelho dos Santos, do Museu da Universidade Federal. [...] Quando eu às vezes precisava fazer uma montagem ou uma exposição, eu tinha que pedir ao governo, não dinheiro, mas um local onde eu pudesse montar meu trabalho, que eles levantassem um estrado para colocar as peças em cima e até isso era muito difícil de conseguir, depois desisti. Não dava mais. Eu achei que aquelas salas de espera são purgatórios infernais. Uma pessoa uma vez me contou: quando alguns artistas vão às repartições buscar algum recurso, o pessoal lá dentro comenta: os malandros já estão aí. Aqui artista é visto como um malandro. A política é uma madame manhosa, é uma bruxa (CASCAES, 1989, p. 23-29).

As pesquisas de Franklin Cascaes eram realizadas nas colônias pesqueiras, onde ele além de conversar e anotar, desenhava, pintava e modelava. “De acordo com as histórias que eu escutei, que eu vi, é que eu começo a trabalhar a minha arte e minhas histórias” (CASCAES, 1981, p.50). Demonstrava grande preocupação e respeito pelas comunidades retratadas, procurava sempre dar um retorno à localidade que lhe servira de inspiração, reservando às mesmas sempre o primeiro lugar para a montagem das exposições itinerantes.

Em contato com estas localidades, Franklin Cascaes desenvolveu apurada sensibilidade para captar, absorver e interpretar o que lhe chegava através dos sentidos. Com admirável persistência, ele lutou para conservar, divulgar e perpetuar o patrimônio histórico e cultural ilhéu, produzindo até o ano de 1983 um significativo acervo documental, fonte riquíssima para pesquisas e estudos voltados ao universo da cultura popular.

A obra

A obra de Franklin Joaquim Cascaes encontra-se atualmente no MARquE- Museu de Arqueologia e Etnologia Oswaldo Rodrigues Cabral-UFSC.

O meu trabalho todo eu vou doar para a Universidade. Não é propriamente porque eu tenho um cargo, não é? Mas, acontece o seguinte: nós temos muitos parentes, mas não é questão de deixar, simplesmente. É de ser dividido e depois subdividido. Então vai perder todo aquele valor de conjunto. Então, quando comecei a fazer estes trabalhos, pensei em reuni-los um dia numa casa, num museu, num lugar qualquer que pudesse servir a comunidade, de modo geral, e não para ser propriamente de um e de outro. Por isso eu não vendi nada, para ser colocado numa sala trancada, para ser propriedade de um e de outro, e que não se pode visitar. Por isso eu acho interessante que estejam num lugar acessível a todas as pessoas, de qualquer espécie de cultura, ou até de línguas, porque o meu trabalho fala várias línguas.(CASCAES, 1981, p. 43).

A coleção leva o nome de “Professora Elizabeth Pavan Cascaes”, em homenagem a sua esposa. A produção de desenhos é extremamente vasta. Composta por 1179 desenhos tombados em 942 suportes em papel, nos quais são abordados os mais variados temas, tais como a pesca, cultivo da mandioca, festas profanas e religiosas, arquitetura, bruxaria, boitatás, lobisomens, cotidiano, vendedores, mitologia marinha, processos políticos, especulação imobiliária; com a especial preocupação de retratar de forma artística, as antigas relações culturais herdadas, as quais estavam desaparecendo devido às intensas transformações urbanas.

A produção em esculturas inclui 42 conjuntos temáticos. São peças de pequeno porte representando figuras de naturezas diversas: antropomorfas, zoomorfas, ferramentas,

instrumentos, utensílios, etc.. Sua matéria prima é de natureza orgânica (madeira e outras fibras têxteis celulósicas e protéicas) e inorgânica (metais, pedras sedimentárias - argila e gesso). Aos conjuntos associam-se cenografias, reproduzindo em maquetes, engenhos de fabricação da farinha de mandioca, rancho de pescadores, casa típica açoriana, entre outras, para as quais foram empregados materiais de distintas origens. A representação destas imagens por Cascaes traduz-se em formas e temáticas diferenciadas, as quais, em seu conjunto, narram a trajetória do homem do litoral catarinense e das comunidades pesqueiras da ilha de Santa Catarina, no período entre a década de 1940 até a década de 1980.

Compõem os manuscritos produzidos por Franklin Cascaes: 124 cadernos escolares pequenos, 22 cadernos grandes e 476 manuscritos em folhas avulsas e/ou agrupadas numa quantidade máxima de 15 páginas, escritos à caneta esferográfica, caneta tinteiro e grafite. Também fazem parte desta coleção 114 documentos, entre os quais se encontram diários de classe, cadernos de recortes de jornais, provas de alunos, cadernos de aula, cadernos de visitas a exposições, cadernos de anotações de Elisabeth Pavan Cascaes.

O Boitatá

A palavra "Boitatá" possui origem indígena, assim como a lenda. Significa cobra (mboi) de fogo (tata), sendo Mbãetata em sua língua original, união de palavras e significados, transformada em mito.

O Boitatá é uma lenda pertencente ao folclore brasileiro. Ele é o protetor dos campos e matas, castigando aqueles que provocam as queimadas. Quase sempre ele aparece sob a forma de uma cobra muito grande, com dois olhos enormes, que parecem faróis, porém às vezes, surge também, com a aparência de um boi gigantesco, brilhante. Vive dentro dos rios e lagos e sai de seu "habitat", transformando-se em um tronco de fogo. Segundo Câmara Cascudo em Dicionário do Folclore Brasileiro, há registro de que a primeira versão da história foi feita pelo padre José de Anchieta por volta de 1650, que o denominou com o termo tupi Mbaetatá - coisa de fogo. A idéia era de uma luz que se movimentava no espaço, daí veio a imagem ondulada da serpente. Foi essa imagem que se consagrou na imaginação popular: o Boitatá como uma serpente com olhos que parecem dois faróis, couro transparente, que brilha nas noites em que aparece deslizando nos campos, nas margens dos rios.

A figura do boitatá, no entanto, adquiriu diferentes representações nos diversos estados do Brasil, devido ao fato de as lendas serem transmitidas de forma oral através das gerações.

Em Santa Catarina, o boitatá aparece como um touro de "pata como a dos gigantes e com um enorme olho bem no meio da testa, a brilhar que nem um tição de fogo".

A origem deste mito pode ser explicada com uma reação química: no processo dedecomposição de ossos de animais como bois, cavalos, etc., é liberada grande quantidade de fósforo branco, material inflamável que quando em contato com raios ou faíscas, pode causar enormes chamas.

O Boitatá por Cascaes

A produção de desenhos a bico de pena e grafite de Franklin Cascaes é de uma riqueza impressionante. Em seus desenhos, o artista retrata variados temas, dos quais este estudo destaca o boitatá como figura alegórica, expressando sua crítica ao crescimento urbano de Florianópolis, às bruscas intervenções na paisagem e às transformações no cotidiano da população local.

Como artista eu estudei o caso. O dia em que eu descobri este tal de boitatá, conhecido nesse mundo inteiro e aqui no Brasil com Mboy-Tatá, nome indígena que significa "cobra de fogo". Os indígenas já conheciam este ente desde a mata, esta forma espiralada, eles diziam que tinha uma forma comprida, quase que nem cobra, eles falavam muito isso. É justamente quando o fogo, o "fátuo", começa a soltar, depois é a aragem, o vento que dá as diversas formas. Formas e cores. O índio, lógico, viu a forma espiralada e lembrou da cobra quando ela se apronta pra dar o bote neles. Daí o "mboy". Já o português disse "boi tatá", boi de fogo. Também disseram "baitatá", baita é uma coisa grande, tatá é fogo, o que dá um animal muito grande em forma de fogo. Depois ainda batizaram de "bitatá", Bitá é cabra. Aí eu recriei em cima de tudo isso. De acordo com as histórias que escutei, que eu vi, é que eu começo a trabalhar minha arte e minhas histórias. (CASCAES, 1981, P.50)

A partir da metade do século XX, iniciam-se em Florianópolis os fenômenos da verticalização da cidade, bem como da perda de espaço da pesca artesanal para a pesca comercial e da especulação imobiliária, a qual provoca a "expulsão" dos pescadores de suas terras.

O trabalho de Cascaes, ou melhor, seu empreendimento da memória coincide com o principal momento de transformação urbanística da capital. A pesca artesanal, prejudicada pela pesca comercial, já não mantinha a família, e muitos pescadores vendem sua terra à beira mar, motivados pelo aumento no valor dos terrenos litorâneos. (BATISTELA, 2007, p.172 e 173)

Cascaes acompanhou de forma crítica este processo de modernização que ocorria nas comunidades, anotando e registrando sua melancolia e preocupação por meio de sua obra.

Percebe-se aí, a sintonia de Franklin Cascaes com o momento histórico por ele testemunhado. Seu trabalho, sua busca pela preservação da memória são contemporâneos ao principal momento de transformação urbanística da capital catarinense. “Para Baudelaire o artista tem que estar vinculado com sua época. Esta é a condição da produção da arte moderna. Assim, a obra está ligada ao tempo e à história”. (MENEZES, 2006, p.7). Constatamos em Cascaes o diálogo entre a sua condição como indivíduo e como artista, explicitamente atrelado ao momento vivido. Ele nos possibilita a aproximação de um de um passado recente, porém transformado. Citando ainda Baudelaire, o passado é interessante “não somente pela beleza que dele souberam extrair os artistas para quem constituía o presente, mas igualmente como passado, por seu valor histórico”. (BAUDELAIRE, 1996, p.8).

As transformações ocorridas em seu universo anteriormente pacato e intocado causavam grande incômodo em Cascaes. Este contexto o levou a buscar uma forma de memorizar e preservar o passado que estava se perdendo, para que as futuras gerações viessem a conhecer e lembrar o modo de vida e o conhecimento popular construído por seus ancestrais.

A mesma cidade e a mesma imaginação criadora a serviço da arte. O mesmo sentimento diante de um mundo que está em ruínas, onde o que fica gravado na memória são os traços da pintura que retratam tais acontecimentos ou o risco da pena que descreve tal cenário. (MENEZES, 2006, p.12)

A alegoria presente no desenho do boitatá liga a cidade à modernidade, assim como Baudelaire vive a modernidade através do pensamento alegórico de Walter Benjamin. “Benjamin diz que a única possibilidade de a tradição viver no mundo moderno é sob a forma alegórica” (BATISTELA, 2007, P.184). Cascaes se utiliza da figura, alegórica por excelência, do boitatá que vê a cidade se perdendo, as antigas relações culturais herdadas desaparecendo, para expressar sua angústia e melancolia.

Os desenhos

Observando os desenhos do boitatá, é possível perceber sua presença constantemente sobrevoando aldeias e vilarejos, nos quais se encontram preservadas as belezas naturais da Ilha de Santa Catarina, como se ele buscasse a paisagem que não existe mais. Como representação do próprio artista, o boitatá busca a cidade que se perde, ele surge para recordar a tradição. Em sua origem, o mito boitatá, possui natureza assustadora, no entanto, Franklin

Cascaes recria o mito e o representa como um ser pensante, relacionando-o com o imaginário local. No boitatá de Cascaes, estão materializados os sentimentos de tristeza, melancolia e solidão, vivenciados pelo próprio artista diante do cenário de perda provocado pela modernidade.

Outra característica destacada no boitatá “criado” por Franklin Cascaes é a sua monumentalidade desajeitada, a qual contrasta com os locais sobre os quais ele sobrevoa, vilarejos pacatos, a quietude da noite estrelada, a casinha perdida entre a vegetação das montanhas, a lagoa tranquila. Cenários que, por vezes, parecem nos trazer aos ouvidos o silêncio bucólico da representação. Entretanto, em contraste com esta esfera aparece a estranha figura do boitatá nos contemplando com seus olhos arregalados, desequilibra a harmonia do ambiente e nos mostra que o contexto lhe é familiar, mas algo muito estranho o amedronta, a tal ponto de fazê-lo inerte. Cascaes nos faz refletir sobre o que assusta o “animal” e sobre como na sociedade já não se encontra mais a liberdade como na sua origem.

(...) um boitatá passeando na foz do Rio das Capivaras do Rio Vermelho da Lagoa da Conceição da Ilha de Santa Catarina. Ele contempla o de sambaquis ou Casqueiros ali existentes. A razão dele contemplar estes monumentos históricos indígenas é porque com certeza para as Américas a mesma história que as pirâmides do Egito representam para a Europa e para o mundo. É um pecado cultural-social histórico usar o material destes monumentos para asfaltar ruas e fabricar calde conchas. (CASCAES, 1962, Caderno 86).

Considerações Finais

Franklin Cascaes tinha suas raízes, sua vivência, sua identidade, na cultura da Ilha de Santa Catarina, desta forma, é possível afirmar que não é apenas representante desta cultura, mas sim parte dela. Preocupado com as mudanças impostas pela modernidade em Florianópolis, com o conseqüente esquecimento e desgaste das tradições, Cascaes foi um contador de histórias que transformou de forma singular textos fornecidos pela tradição oral em desenhos, esculturas, versos e contos. Em sua narrativa, destaca-se aquilo que mais lhe chamava a atenção, ou seja, o que ele reconhecia em si mesmo. Todo artista, pode-se comprovar analisando qualquer obra, expressa seus sentimentos em sua arte: tristezas, angústias, alegrias, preocupações, críticas, desespero, impotência, inconformismo, protesto... E o faz, a partir de sua bagagem cultural e emocional.

Cascaes desenha o boitatá como alegoria da modernidade, mas acima de tudo, como um “representante” de si mesmo, que vê o que ele vê, sente o que ele sente e leva consigo o que o artista possui em seu interior e em sua imaginação. A obra de Cascaes expressa de forma cristalina sua condição simultânea de ator e narrador de uma mesma realidade. Ele faz de sua arte, sua vida, assim como de sua vida, sua arte. Em perfeita parceria, sua mente visionária, seu coração altruísta e suas mãos habilidosas transformaram o universo cultural da Ilha de Santa Catarina em um vasto acervo documental composto por desenhos, esculturas e manuscritos, um legado de valor inestimável.

Boitatá Hipópode (1962)



Desenho

(32x45,2)

Tema: imaginário popular.

Material/técnica: nanquim sobre papel.

Obra assinada: na frente, lado esquerdo inferior.

Observação: O estudo do desenho foi feito em 1962, no entanto no desenho a nanquim há a indicação “Copiado em 20-08-1977”, o que demonstra neste, como em diversos casos que o desenho final foi feito muitos anos após seu estudo.

Características:

- formas sinuosas, lembrando o fato de serem cobras de fogo;

- linha de contorno sempre curva e bem definida;
- textura do corpo que lembra escamas de uma cobra ou de um peixe, busca de elementos marinhos para retratar o fantástico;
- detalhes minuciosos;
- exploração do trabalho com luz e sombras;
- tamanho gigantesco do boitatá e imponência;
- figura pequena de um cão observando o boitatá;
- presença das pedras;
- religiosidade através da figura de uma igreja;
- em pé, com asas abertas na frente da igreja (comunidade), podendo remeter à figura de um defensor, de um guardião.

O Boitatá(1968)



Desenho

(47,8 x 64)

Tema: imaginário popular.

Material/técnica: nanquim sobre papel.

Obra assinada:na frente, lado direito inferior.

Observação :Na frente, no lado direito inferior, está escrito à caneta nanquim preta "O Boitatá", "FCascaes", "22.4.68"; no verso, há um texto do artista escrito à caneta esferográfica azul e, abaixo deste texto, "FCascaes-1968" e "Ilha de S.Catarina"; no verso, escrito à caneta esferográfica azul "O Boitatá Quadro 11 FCascaes.

Características:

- boitatá em tamanho desproporcional à vila, remetendo a um ser notório e expansivo;
- hierarquia na apresentação dos elementos, destacando a figura do boitatá;
- contraste das formas geométricas que lembram as casas de estilo colonial português com as formas orgânicas que remetem à natureza;
- o real e o fantástico convivem e se confundem: o boitatá sobrevoa a vila;
- feição do boitatá harmoniosa;
- presença de elementos que remetem ao mar e à atividade pesqueira;
- elementos marinhos no corpo do boitatá: chifres e olhos fazem alusão a conchas, cauda com formato de peixe e asas com camadas que lembram escamas;
- formas sinuosas, lembrando o fato de serem cobras de fogo;
- linha de contorno sempre curva e bem definida;
- detalhes minuciosos;
- presença das pedras.

O próprio boitatá constituído de características da própria vilapode, quem sabe, remeter não ao medo dos moradores, (como se fosse um ser assustador), mas como um guardião zelando pela vila; pode remeter a “um apaixonado” pelas praias, sobrevoando e desfrutando das belezas naturais da ilha.

Boitatá e Sua Vítima (1970)



Desenho

(54,9 x 72,6)

Tema: imaginário popular.

Material/técnica: nanquim sobre papel.

Obra assinada na frente, lado esquerdo inferior.

Características:

- detalhismo retratando a vegetação da paisagem;
- relação do desenho com a natureza e formas da cultura ilhoa é encontrada nas texturas do corpo do boitatá; estas formas não parecem de forma naturalista, mas surgem indiretamente nas texturas;
- evidência da não preocupação do artista em desenhar conforme as leis da perspectiva ou em respeitar as escalas naturais de tamanho;
- desenho não tem perspectiva e a noção de tamanho é dada pelas texturas;
- presença de elementos da cultura local: chaleira no fogo de chão, tamancos de madeira, o balaio e o chapéu de palha, representações dos colonos do interior da ilha;
- presença das pedras;
- pés e mãos grandes, característica do modernismo, dando ênfase ao trabalho;
- os estudos para o desenho foram feitos em duas folhas separadas, cujos desenhos foram unidos no trabalho final, sendo que ambos foram feitos no verso de provas de alunos.

Neste desenho, Cascaes buscou o registro do Boitatá como um ser assustador, perverso, quando num dia de trabalho na roça, o "terrível" boitatá aparece e leva o homem que trabalhava, ficando sua esposa a rezar aos céus. Diferentemente de todos os desenhos que tive contato, aqui o boitatá aparece agredindo uma pessoa. No verso do trabalho, porém, o autor "explica o motivo de tal ato". Segundo Cascaes, este era "Seo Dendengo", que desacreditava de tudo, até das coisas lá do alto e ficava muito bravo quando se falava em boitatá, até que um dia, o boitatá apareceu e o levou pra sempre do chão daquela ilha.

Referências

ARAÚJO, Adalice Maria de. **O mito vivo na ilha (mito e magia na arte catarinense)**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

BATISTELA, Kellyn. **Franklin Cascaes: alegorias da modernidade na Florianópolis de 1960 e 1970**. Florianópolis, SC, 2007. 261f. Dissertação (mestrado em Literatura). Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC.

BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. 2oed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

CASCAES, Franklin. **Vida e arte e a colonização açoriana**. Entrevistas concedidas e textos organizados por Raimundo C. Caruso. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.

ESPADA, Heloisa. **Na Cauda do Boitá- Estudo do processo de criação nos desenhos de Franklin Cascaes**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

GHIZONI, Vanilde Rohling. **"Conservação de acervos museológicos: estudo sobre as esculturas em argila policromada de Franklin Joaquim Cascaes"**. Florianópolis, SC, 2011, 210 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC..

MENEZES, Marco Antonio de. **Baudelaire: o poeta da cidade moderna**. I Seminário Arte e Cidade. PPG AU- Faculdade de Arquitetura, PPG AV – Escola de Belas Artes, PPG LL – Instituto de Letras. UFBA. Salvador, maio 2006.

PRADE, Péricles. **BRUXARIA nos desenhos de Franklin Cascaes**. Florianópolis: Ed. Fundação Franklin Cascaes, 2009.

SOUZA, Evandro André de. **Franklin Cascaes uma cultura em transe**. Florianópolis: Insular, 2002.

Florianópolis. Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral /UFSC. Caderno 17.(Manuscr.)